

BAPHOMET



L P BAÇAN

A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS



1ª Edição Eletrônica

L P Baçan
Autor



Edição Eletrônica: L P Baçan
Janeiro de 2010
All rights reserved
Copyright © 2010 do Autor
Distribuição exclusiva através do

[SCRIBD](http://www.scribd.com/lpbaçan)

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

BAPHOMET

O QUE SIGNIFICA?



Teorias cercam o nome Baphomet e o seu significado, desde a época dos Cavaleiros Templários. Talvez nós nunca saibamos a verdade. Talvez nunca verdadeiramente existiu, mas freqüentemente era posto nas bocas dos confessores durante as sessões de tortura. O que se segue são algumas das teorias mais comuns propostas e algum comentário sobre cada uma.

Uma corrupção do nome Maomé (Mahomet/Mohammed)

É certo que Baphomet era um ídolo. Se nós considerarmos isso como um fato, então a palavra Baphomet, como uma corrupção de Mahomet, não se sustenta porque, se o Templários seguissem convicções muçulmanas, não haveria nenhum ídolo, uma vez que o Islã proíbe todos os ídolos. Utilizar o parentesco entre os nomes pode ter sido estratégico por parte dos "inventores" desse nome e, conseqüentemente, desse ídolo. No contexto da época, tudo o que lembrasse os invasores da Terra Santa automática e histericamente era hostilizado pela população fanática e dominada pelo terror.

O nome Baphomet, para alguns estudiosos, é uma forma do antigo francês, podendo mesmo ser uma pronúncia errada para Mahomet (Maomé), o profeta islâmico. Essa idéia de um ídolo de Mahomet é altamente especulativa. Pode ser que, naquela época, Mahomet fosse uma palavra comum usada por cristãos para descrever qualquer ídolo.

Uma corrupção do termo árabe Abufihat,

O significado da palavra é o Pai da Compreensão ou o Pai da Sabedoria. É um termo que se referia a um Mestre Sufi (sufismo: misticismo arábico-persa, que sustenta ser o espírito humano uma emanção do divino, no qual se esforça para reintegrar-se.) Em árabe, pai é usado para significar fonte. Se esse é o caso, isso implicaria em Deus. É bastante provável que o Templários tenham entrado em contato com sufismo, enquanto na Terra Santa.

Idries Shah apresentou uma teoria em seu livro, Os Sufis. Shah nasceu em 1920 e foi autor de mais de 35 livros, 20 deles sobre o Sufismo. Suas obras foram traduzidas em 12 idiomas, com mais de 15 milhões de cópias impressas. Além de ser um muito bem conhecido, o autor foi também o Diretor de Estudos do Instituto de Pesquisa Cultural. Este instituto era uma entidade educacional que publicou material de alto padrão cultural



sobre o pensamento humano e o comportamento.

No seu livro, ele teorizou que Baphomet realmente era uma corrupção do termo árabe Abufihat, que significa " o Pai de Compreensão ". Confiando em fontes Orientais contemporâneas, provavelmente, os estudiosos Ocidentais supuseram recentemente que Baphomet não tem nenhuma conexão com Maomé, mas poderia ser bem uma corrupção do *Abufihat* árabe, pronunciado no espanhol mouro como *bufihat*. A palavra significa, como já foi visto, o Pai da Compreensão. Em árabe, pai significa fonte. Na terminologia Sufi, *ras el-fahmat* (cabeça/fonte do conhecimento) significa a mentalidade do homem, após passar por um refinamento, a consciência transmutada.

Das palavras gregas Baph e Metis.



A palavra Baphomet seria derivada de duas fórmulas gregas, Baph e Metis, que significam Batismo de Sabedoria. Diz-se que os Templários adoravam uma Cabeça (o Baphomet). Uma das teorias sustenta que essa cabeça era a de João Batista. Se isso fosse verdade, talvez a origem dos termos gregos fosse verdadeira. Não se sabe como se conservou durante tanto tempo essa cabeça e como não foi encontrada depois e transformada em mais uma das relíquias da época, que foi pródiga nesse aspecto. A exibição hoje da cabeça mumificada de João Batista, em qualquer santuário, representaria uma fonte de renda que deixaria até o próprio Baphomet envergonhado de não ter tido antes essa idéia. Os Templários, na época, lucravam não com a exibição ou venda de relíquias. Eles lucravam e ergueram seu fantástico império financeiro facilitando a vida e as viagens dos peregrinos e viajantes da época.

Medidas ou BATH-AMAH

A figura criada por Elipha Levi é um ser andrógino, com seios, um princípio feminino, símbolo da maternidade, da suavidade, da fecundidade. São símbolos de proteção e de medida. Werner Wolff, em *Changing concepts of the Bible*, Nova Iorque, 1951, observa que, para os hebreus, a palavra *bath* significa *moça e medida de líquido*. A palavra *amah* designa *moça e medida de comprimento*. Teria Baphomet alguma coisa a ver com Bath-amah, moça, mulher, a fêmea que abominavam por seu voto de castidade?

ELIPHAS LEVI

O CRIADOR DA EFÍGIE DE BAPHOMET



Alphonse Louis Constant foi um católico romano que estudava para o sacerdócio. Ele deixou o catolicismo para se tornar um ocultista, no século XIX. Alguns afirmam que ele foi expulso da Igreja por suas visões heréticas. Antes de sua morte, em 1875, Levi teria se reconciliado com a Igreja Católica e morrido após receber a extrema-unção. Enquanto vivo, ele seguiu o caminho da Magia e adotou o pseudônimo judeu de Eliphas Levi. Parte de seu trabalho foi escrever grandes obras sobre a deidade alegada dos Cavaleiros Templários, Baphomet.

Levi considerou que Baphomet era o absoluto em forma simbólica. Ele é mais conhecido pela ilustração de Baphomet, que usou como capa a "A Doutrina da Alta Magia", publicada em 1855. Acredita-se que ele baseou a ilustração em uma Gárgula que aparece em um edifício de propriedade da Ordem, o "Commandry," de Saint Bris le Vineux.



"A Gárgula se apresenta na forma de uma figura cornuda barbuda, com peitos femininos pendentes e asas. Senta-se em uma posição de pernas cruzadas que se assemelha a estátuas do deus veado céltico, Cernnunnus, ou o Cornudo, encontradas em Gaul (França) antes da ocupação romana." A Conspiração Oculta, Michael Howard)

Um exame da figura de Levi.

Acredita-se que a natureza dualista da vida e os aspectos femininos e masculinos da criação estão contidos no Baphomet de Levi. A imagem combina ambas as qualidades de macho e fêmea; um braço masculino, um feminino; os peitos de uma mulher com um objeto fálico em seu colo; um braço que aponta para cima, enquanto outro aponta para abaixo, talvez uma representação do Hermético "Como acima... Também abaixo". A ilustração também mostra que um braço aponta para uma lua crescente branca e o outro, para uma lua crescente escura, talvez uma representação das fases crescente e minguante da lua, mas também podendo representar a dualidade do bem e do mal.



Eis o que Eliphas Levi disse sobre a imagem de Baphomet que ele desenhou.

"O bode leva o sinal do pentagrama na fronte, com uma ponta no topo, um símbolo da luz. Suas mãos formam o sinal do hermetismo, uma apontando para a lua branca de Chesed, outra apontando para a escuridão de Geburah. Este sinal expressa a harmonia perfeita entre clemência com justiça. Um braço é de fêmea, o outro, de macho, como dos andróginos de Khunrath, cujos atributos nós tivemos que unir com os de nossa cabra, porque são um mesmo símbolo. A chama da inteligência, que brilha entre os chifres, é a luz mágica do equilíbrio universal, a imagem da alma elevada acima da matéria, enquanto a chama, ainda presa à matéria, brilha acima dela. A horrível cabeça de besta expressa o horror do pecador, cujos atos materialistas, somente é responsável por parte da culpa para suportar o castigo sozinho, porque a alma é insensível de acordo com sua natureza e só pode sofrer quando materializada. A barra que se levanta sobre os órgãos

genitais simboliza a vida eterna; o corpo coberto com escamas, a água; o semi-círculo em que repousa, a atmosfera; as penas logo acima, o volátil. A Humanidade é representada pelos dois peitos e pelos braços andróginos dessa esfinge das ciências ocultas."



A Efigie do Baphomet de Levi

Poucos sabem que Eliphas Levi foi o primeiro a separar o pentagrama em boas e más aplicações. Levi foi o primeiro a incorporar seu Baphomet de cabeça de bode ao pentagrama invertido, atribuindo as qualidades do Mal ao novo símbolo.

Ele tinha a convicção de que não só os Templários adoraram Baphomet, mas que todos que abraçaram as ciências ocultas também o fizeram.

"Vamos declarar para a edificação do vulgar... e para a maior glória da Igreja que perseguiu os Templários, queimou os mágicos e excomungou o maçons, etc., vamos dizer corajosa e ruidosamente que todos os iniciados das ciências ocultas... adorou, adora e sempre adorará o significado desse símbolo horroroso [A Cabra de Sabá]. Sim, em nossa convicção profunda, os Mestres Principais da Ordem dos Templários adoraram Baphomet e o fizeram ser adorado pelos seus iniciados." (Sociedades Secretas e Movimentos Subversivos, H. Webster, 1924, The Christian Book Clube.)

Levi acreditava que se a pessoa reorganizasse as letras de Baphomet, invertendo-as, você teria uma frase latina abreviada: **TEM OHP AB**

Ele acreditava mais ainda, que isto representaria o *Templi omnivm hominum pacis abbas* latino ou em inglês "O Pai do Templo da Paz de Todos

os Homens". Ele julgava que isso era uma referência ao Templo do Rei Salomão, que Eliphas acreditava que teve o propósito exclusivo de trazer paz para o mundo.

Finalmente, para encerrar a participação de Eliphas Levi, é importante destacar o que escreveudisse ele em seu livro *Transcendental Magic*, de 1865:

"Declaramos enfaticamente que Satã como personalidade e poder, não existe. O diabo, na Magia Negra, é o Grande Agente Mágico empregado para objetivos malignos por um desejo perverso."

O PENTAGRAMA

Foi ocultista do século XIX, Eliphas Levi, quem primeiro diferenciou os aspectos bons e maus da estrela de cinco pontas ou pentagrama. Levi percebeu dois aspectos mágicos, um bom e outro indicando a reação mágica oposta. Quando invertido, a sociedade de hoje vê, impropriamente, o pentagrama como um símbolo do mal. É preciso, porém, examinar a história do pentagrama para entender onde mudou erroneamente de uma coisa inerentemente boa para a percepção de uma coisa errada.



O Pentagrama: origens e uso histórico

O pentagrama ao lado é o pentagrama tradicional, com os cinco pontos da estrela, um para cima, dois para abaixo, incluído dentro de um círculo. Esse tipo de pentagrama existiu por incontáveis milhares de anos, datando o mais antigo de cerca de 3.500 a.C., usado na Mesopotâmia Antiga onde era usado, pelo menos mais tarde, pelos soberanos como um símbolo para demonstrar que a largura de seu poder abrangia os quatro cantos do mundo conhecido.

Os primeiros gregos chamaram o pentagrama de Pentalpha (pent para o número cinco e Alfa, a primeira letra do alfabeto grego). Os pitagóricos consideraram que suas qualidades geométricas eram símbolos (matemáticos e metafísicos) da perfeição.

Para os hebreus, as cinco pontas do pentagrama estavam ligadas ao Pentatêuco (os primeiros cinco livros da Bíblia) e representava a Verdade como um todo. Embora ocasionalmente chamado de Selo de Salomão, é importante destacar que isso está incorreto e que a Estrela de David, ou o duplo triângulo, é o verdadeiro Selo de Salomão.

O Pentagrama como um símbolo cristão

Talvez o mais curioso aspecto do pentagrama seja aquele relacionado aos primórdios do Cristianismo. Até o período medieval, os cinco pontos do pentagrama representavam as cinco chagas de Cristo na Santa Cruz. Durante esse tempo, o pentagrama, tão criticado pelos cristãos modernos, não continha de fato nenhuma implicação má e, de um modo menos expressivo que a cruz, era símbolo do Salvador.



O próprio Constantino, o imperador romano que se converteu a Cristianismo e cuja mãe, Helena, descobriu a relíquia religiosa da "Verdadeira Cruz", escolheu usar o pentagrama como selo e amuleto. Na igreja que ultrapassou, durante o governo de Constantino, as fronteiras do Império Romano, a cruz se tornou o símbolo escolhido do Cristianismo em lugar do pentagrama. É irônico perceber que, por uma mera escolha de iconografia, o pentagrama poderia estar enfeitando os pescoços de milhões de cristãos pelo mundo todo.

O Pentagrama como um símbolo do Mal

Com a destruição dos Cavaleiros Templários pela deslealdade, combinada do Rei Felipe IV e do Papa Clemente V, talvez tenha iniciado a Inquisição da Igreja Católica. Tudo começou com os Templários, acusados de adorar um ídolo chamado Baphomet. É altamente improvável que o Baphomet dos Templários, se realmente existiu, se assemelhasse a qualquer coisa como o Baphomet de Levi. A Ordem foi esmagada pela tortura, pela morte de seus membros e pela dissolução papal em 1314. Como na tortura dos cátaros albigenses e da Ordem dos Templários, a Igreja começou a destruir tudo que

se opusesse ao soberano da Santa Sé. Hereges, bruxas e pagãos encontraram o mesmo destino: conversão ou morte.

Nesse tempo, os deuses cornudos, ainda adorados pelos camponeses e populares da Europa, como Pan, transformaram-se, por obra da Igreja Cristã, em imagem do Diabo. Então, aos olhos da Igreja, se os camponeses adorassem falsos e maus deuses, então o símbolo do pentagrama, usado por eles como um amuleto símbolo de segurança, deveria ser igualmente mau. O Catolicismo, tentando estabelecer-se no seio da Europa ainda bárbara, utilizou todo tipo de estratagema, desde o terror, até um sincretismo conveniente. As igrejas, por exemplo, foram construídas nos locais onde a população cultuava seus deuses pagãos. Assim, além de se destruir os altares e locais de culto, valiam-se do hábito de freqüentar aquele local como facilitador para implantação da nova religião.

A EFÍGIE DE BAPHOMET



Eliphas Levi foi o primeiro a adaptar o pentagrama invertido, mostrado à esquerda, como símbolo do mal. Na Idade Média, o pentagrama vertical representava o verão, enquanto o invertido, com uma ponta para baixo, era uma representação do Inverno. Levi criou duas ilustrações do pentagrama, o primeiro, sua Boa Orientação, caracterizou os cinco pontos de um homem, dentro das pontas do Pentagrama. Isso é chamado o homem microcósmico e os quatro membros representam os quatro elementos, terra, ar, fogo e água, com a cabeça representando o espírito.



Após o Homem Microcósmico, ele desenhou o pentagrama invertido como a cabeça de bode ou Baphomet. Assim fazendo, ele criou uma diferenciação, pela primeira vez, entre o bem e o mal simbolizados pelo pentagrama. A efigie de Baphomet tornou-se o símbolo oficial da Igreja de Satanás, criada por Anton Szandor La Vey, em 1966. Essa efigie é usada no mundo inteiro por satanistas e seguidores de Satanás. Apesar disso, é preciso mesmo muito boa vontade para enquadrar a cabeça da cabra, ou do bode, na estrela de cinco pontas, considerando-se que a posição das orelhas, conforme a figura à direita, é totalmente anti-natural e forçada. A menos que exista uma tal raça de caprinos cujas orelhas apontem para os lados.

BAPHOMET E A MAÇONARIA

Albert Pike e a Farsa de Leo Taxil

Os Protagonistas



Albert Pike (1809-1891) era o Chefe Principal do Rito Escocês Antigo e Aceito, posição a que foi eleito em 1859. É considerado um gênio maçônico por muitos Maçons. Para um número grande das pessoas, ele é visto como um Luciferiano que professa uma doutrina secreta, escondida da maioria dos Maçons. Pike escreveu um livro chamado "Dogma e Moralidade", disponível ainda hoje nas bibliotecas de muitos Maçons do mundo todo. O livro foi muito criticado e freqüentemente citado erroneamente. Por que tal grande homem aos olhos da Maçonaria era atacado fora dela? A resposta está numa farsa construída por Leo Taxil e na ingenuidade das massas, ansiosas em aceitar isso como verdade.



Leo Taxil, ou Gabriel Antoine Jogand-Pages, era um livre-pensador que vivia de escrever histórias pornográficas em capítulos, no estilo folhetim. Talvez tenha sido o precursor mesmo dos atuais livros de bolso. Livre-pensador era o termo dado àqueles que se opunham à autoridade e aos dogmas de sociedade, especialmente no aspecto religioso. Além desses livros de bolso, Taxil escreveu muitos livros anti-maçônicos e anti-clericais, em tempos diferentes. Sobre sua atuação, há um livro da Editora Trolha, Maçonaria e Satanismo, do Pe. Antônio F. Benimelli, que narra pormenorizadamente a farsa montada por ele. Em resumo, porém, tudo começou quando Taxil solicitou admissão a uma loja maçônica, encontrando forte oposição,

principalmente por seu trabalho como escritor anti-católico. Apesar das oposições, ele foi iniciado na Ordem, mas expulso pouco tempo depois. Essa expulsão talvez o tenha incitado escrever seus trabalhos anti-maçônicos, ou talvez seu propósito inicial tenha sido justamente esse. Em todo caso, Taxil iria perpetrar uma farsa que durou décadas e que, apesar de ter sido desmentida por ele mesmo, pessoalmente, numa conferência, com irritante frequência é ressuscitada pelos opositores da Maçonaria e, como naquela época, jogada à uma massa ingênua, ansiosa para acreditar em qualquer bobagem, na falta de melhor coisa a fazer.

O Documento da Farsa

O documento a seguir foi confessadamente forjado por Taxil, mas até hoje ainda é utilizado para caluniar a Maçonaria.

" O que nós temos que dizer a uma multidão é: Nós adoramos um Deus, mas é o Deus que se adora sem superstição."

Para você, Soberanos Grandes Inspetores Gerais, nós dizemos isso, que você pode repetir aos Irmãos dos 32º, 31º, e 30º graus: "A Religião Maçônica deveria ser, por todos nós, iniciados nos altos graus, mantida na pureza da Doutrina do Luciferianismo.

Se Lúcifer não fosse Deus, iria Adonay, cujas ações provam sua crueldade, a perfídia e o ódio do homem, o barbarismo e a repulsa pela ciência, iria Adonay e seus padres caluniarem-no?

Sim, Lúcifer é Deus, e infelizmente Adonay também é deus. Porque a lei eterna é essa, não há nenhuma luz sem sombra, nenhuma beleza sem feiúra, nenhum branco sem negro, para o absoluto só poder existir como dois deuses: a escuridão, que é necessária à estátua, e o freio para a locomotiva.

Assim, a doutrina do Satanismo é uma heresia; e a verdadeira e pura religião filosófica é a convicção em Lúcifer, o igual de Adonay; mas Lúcifer, Deus da Luz e Deus do Bem, está lutando pela humanidade contra Adonay, o Deus da Escuridão e do Mal." (Instruções para os 23 Conselhos Supremos do Mundo, 14 de julho de 1889. Registrado por A.C. De La Rive em *La Femme et l'Enfant dans la FrancMaçonnerie Universelle*, página 588.)



Taxil Admite que o Documento era uma Farsa

17 de abril de 1897, doze anos depois de Taxil lançar a farsa, ele a admitiu. Diante de uma assembléia no Paris Geographical Hall, Taxil contou à multidão toda sua literatura anti-maçônica tinham sido inventada. A multidão, que tinha se reunido na esperança de ouvir alguma nova e bombástica revelação anti-maçônica, ficou enfurecida a ponto de Taxil ter que fugir pela porta dos fundos.

O propósito de Taxil era revelar uma ordem maçônica altamente secreta, o Palladium, que só existiu em sua imaginação. No Palladium, segundo Taxil divulgou, era praticada a adoração do Diabo, cometidos assassinatos e outras brutalidades, além de atos de natureza erótica. Os trabalhos dele, publicados em 1885 e 1886, foram muito populares para um público ansioso em ler os horrores de Maçonaria. Em seu livro, "*Os Mistérios da Franco-Maçonaria*," Taxil utilizou o Baphomet de Levi. A capa descreve um grupo de Maçons que dançam ao redor do ídolo de Baphomet. Além disso, o artista somou outro elemento ao mistério. À esquerda da capa, uma mulher segura uma cabeça barbuda cortada. A cabeça cortada é de um padre e é símbolo do aspecto

masculino sinistro. Dizia-se que a cabeça fora cortada depois da união sexual com o Baphomet.



Em outro livro anti-maçônico da época encontra-se de novo a imagem do Baphomet de Levi ligado aos maçons. Publicado em 1894, "A Mulher e a Criança na Franco-Maçonaria Universal, foi escrito por Abbe Clarin de la Rive. Nele, o popular Baphomet seduz uma mulher na capa, entre os pilares da Maçonaria. Nesse mesmo livro, a falsa citação de Pike é usada para apoiar falsamente o autor em suas visões anti-maçônicas. Não há nenhuma dúvida de que as capas desses dois livros criaram um real movimento no público da época. Esse tipo de imagem tão falsa prevalece até hoje entre Cristãos Fundamentalistas, Jack T. Chick, publicou "A Maldição de Baphomet", história em quadrinhos anti-maçônica. A farsa de Taxil foi uma cruz para os Maçons durante anos e é provável que persista por muito tempo, como os mitos que cercam os Templários.



ONDE ESTÁ BAPHOMET?

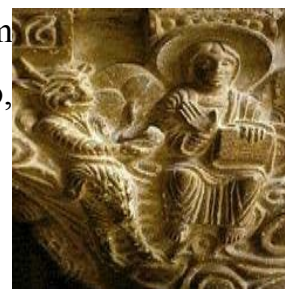


Anjos e demônios foram criados no princípio dos tempos. Pelo que se saiba, não se reproduzem por si sós. As legiões demoníacas totalizam, segundo consta, 6.666. O líder de todas essas legiões, supõe-se, é Satanás. A Bíblia Sagrada, onde estão contidos todos os ensinamentos do Cristianismo, curiosamente não registra, em momento algum, o nome de Baphomet, muito menos de seu ilustre parceiro infernal, Lúcifer.

Segundo o dicionário Aurélio Eletrônico, diabo é "O chefe dos demônios, geralmente representado, na tradição popular, como um ser meio homem e meio cabra, de orelhas pontudas, chifres, asas, braços, e com a ponta da cauda e as patas bifurcadas; Demônio, Satanás, Satã, Lúcifer..."

Ainda na Bíblia, encontramos a palavra Belzebu citada 4 vezes; Astarote é mencionado 5 vezes; Belial é citado 10 vezes; diabo aparece 14 vezes, contra 18 vezes da palavra demônio. Finalmente, Satanás é mencionado 23 vezes. Depende-se disso que Satanás é, realmente, o chefe de todas as legiões. Se os Templários se valeram da força de um ídolo, representando um demônio, por que motivo utilizariam um demônio coadjuvante, uma figura menor, quando poderiam recorrer ao mais poderoso de todos, o próprio Satã? Se Baphomet existisse realmente e fosse um demônio de grande poder, não estaria sendo citado mais vezes nas pregações feitas no mundo todo? Por que surge sempre associado apenas aos Templários e, atualmente, à Maçonaria?

A religião, ao longo do tempo, procurou exercer um controle total sobre a vida do cidadão mais ilustrado,



proibindo principalmente as confrarias de toda espécie. E isso não surgiu apenas durante o período de atuação dos Templários. Já em 451, com o Cânon 8, o concílio da Calcedônia condena as sociedades secretas. Não havia nem Templários nem maçons nessa época. Em 658, o Concílio de Nantes decretou a interdição das corporações e das irmandades de artes e ofícios. Ficou determinado, também, que os bispos deveriam "destruir o paganismo". Maurice Vieux, em *Os Segredos dos Construtores*, diz o seguinte sobre o assunto:

"A igreja condena todas as formas de associações que não consegue controlar. Igualmente, as confrarias cujo principal objetivo não era a oração, pois mesmo a caridade não encontrou indulgência diante da severidade dos Concílios.

O Magistério é único, e é exclusivo detentor da verdade; portanto, é inútil e mesmo perigoso para a fé procurá-la fora das formas prescritas pelos cânones da Igreja.

Com base nesse fato, estamos de posse de uma regulamentação bastante estrita de parte da Igreja contra as liberdades de associações e essa atitude foi ditada por receios da Igreja, cujos temores nos parecem visar a possível concorrência no domínio do direito privado. "

É curioso observar que esse temor parece perdurar até os dias de hoje. E de forma alguma é cabível, numa visão consciente, ligar as atividades desenvolvidas pelos Templários com a Maçonaria atual. Aqueles eram monges, com formação religiosa, enquanto que os maçons dificilmente contam, em seus quadros, com membros do clero. Monges com formação religiosa e conhecedores da severidade da igreja contra as heresias teriam arriscado suas vidas e toda a fabulosa estrutura econômico-financeira que haviam montado, adorando um ídolo que representasse um demônio menor,

talvez um precursor dos economistas atuais, com habilidades para finanças e investimentos? Se assim o fizessem, rendendo a ele homenagens e louvores, não teriam enciumado o maior deles, Satanás, o chefe de todos os demônios? Teria ele sido compreensivo com aquele grupo de homens, beneficiados pela ação de um subalterno dele, sem prestar a ele as devidas homenagens? Quem, hoje, e no governo temos exemplos diários disso, louvaria um assessor de ministro, esquecendo-se de estender ao chefe uma parte dessa homenagem?

O *Malleus Maleficarum*, livro de cabeceira dos inquisidores, escrito em 1468, séculos após a extinção dos Templários, em momento algum cita Baphomet ou alerta sobre a perigosa ação de um demônio economista. Se Baphomet teve o poder de orientar os Templários na construção da primeira multinacional da história do mundo, como pôde ser desleixado e omissos a ponto de ver toda a sua obra ruir?



Acreditar na existência de Baphomet é acreditar em Papai Noel, Coelho da Páscoa, e outras fantasias. Não resta a menor dúvida de que foi um nome e uma imagem criada com o único fim de acusar e exterminar os Templários, cuja riqueza despertara a cobiça do rei da França e do Papa. Onde estaria, portanto, Baphomet, um gênio talentoso que só obteve reconhecimento na época dos Templários e depois retornou ao ostracismo onde se encontra até hoje. A menos que esteja agindo por trás das multinacionais e dos organismos financeiros que controlam toda a economia do mundo. Assim, o famoso ídolo, jamais encontrado pelos diligentes inquisidores, apesar de todos os recursos de persuasão empregados na época, pode estar, hoje, enfeitando um luxuoso escritório em alguma parte do mundo.

Altamente significativo, nesse contexto, é perceber que, na história recente da Humanidade, governos totalitários e ditadores posicionaram-se contra a Maçonaria, aplicando contra ela toda a força da tirania, jogando a população contra ela, não raro com o beneplácito da Igreja como um todo, ansiosa por ressuscitar, sempre que possível, o ridículo mito do Baphomet que tantas vidas custou aos Templários. O que era antes apenas um ídolo representado por uma cabeça transformou-se numa efígie completa, graças ao desenho de Eliphas Levi. Não, porém, nenhuma semelhança entre essa figura e as descrições espontâneas dos Templários torturados. A efígie de Eliphas Levi não é, nem nunca foi, a representação fiel daquele ídolo, inventado pela imaginação perversa de sádicos inquisidores.

DESVENDANDO O MISTÉRIO DA EFÍGIE

Para montar sua efígie do Baphomet, Eliphas Levi não foi nem um pouco original e apenas medianamente criativo. Na realidade, utilizou elementos conhecidos e largamente empregados na pintura, principalmente de motivos religiosos.

Figuras Entronizadas



A figura entronizada (sentada num trono) é facilmente encontrada nas fachadas das catedrais e nas pinturas de motivos religiosos, desde a mais remota antiguidade.

Desde os primórdios do Cristianismo, Jesus Cristo, Santos, Papas e Apóstolos foram representados em figuras entronizadas, simbolizando sua ascendência sobre os mortais comuns. Conforme o dicionário Aurélio Eletrônico, trono é: "1. Sólio elevado em que os soberanos se assentam nas ocasiões solenes. 2. Fig. Poder soberano; autoridade. Ao se aproveitar de uma prática iconográfica comum, Elipha Levi pretendeu dar a sua efígie um grau de importância que, absolutamente, ele não tinha historicamente, pois nem sua imagem nem seu nome são citados na Bíblia ou outro documento da Igreja, até surgir durante a caça aos Templários.

Essas figuras entronizadas também surgem em obras e representações místicas, esotéricas ou ocultistas, como as imagens do baralho do Tarô.



O GESTO DA EFÍGIE



O Baphomet de Eliphas Levi aponta suas mãos em diferentes direções. Segundo ele,

"Este sinal expressa a harmonia perfeita entre clemência com justiça."

O mesmo gesto, no entanto, já era encontrado em pinturas e esculturas desde há muito tempo, tanto na arte religiosa quanto em símbolos esotéricos.

Talvez, então, Levi tivesse sido criativo ao dar o caráter de andrógino a sua efígie de Baphomet, dotando-o de asas e aplicando-lhe escamas no corpo.



Mesmo assim, não ficou diferente da representação do diabo do baralho Visconti-Scorza, elaborado por volta de 1.450, quase 400 anos antes da figura de Elipha.

Esse baralho encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris. O diabo desse baralho tem seios de mulher, chifres, asas de morcego e repete o gesto com as mãos.

O gesto está presente em diversas figuras, como se pode notar nos exemplos abaixo, onde se pode perceber quão comum também é a presença de figuras sentadas, com as pernas cruzadas, na iconografia universal.

CABRAS, BODES E ASAS

Na Grã-Bretanha, ocorreram conversões ao cristianismo durante os últimos tempos da ocupação romana, mas, a partir de 407 D.C., com a retirada das legiões, o cristianismo foi abolido em benefício das antigas práticas pagãs. No início do século VII, Santo Agostinho chegou a Kent e foi recebido pelo rei Aethelberth. Fundou, então, a Catedral de Canterbury. Após ele, vieram outros prelados cristãos, que viriam a desempenhar importantes papéis na história inglesa.

Pode-se imaginar que, após algumas gerações depois da vinda de Santo Agostinho, o cristianismo tenha se instalado definitivamente na região e sido aceita pelo povo inglês como sua religião.



Em parte isso ocorreu. Nos castelos, a realeza, a nobreza e a criadagem seguiram a fé cristã, A população mais simples, porém, continuou a cultuar suas práticas pagãs ainda por muitos séculos. Para não descontentar o senhor feudal, assistiam aos serviços dominicais, nas igrejas de suas vilas, cultuando o Deus cristão, como lhes era exigido. Nas noites de lua cheia, no entanto, eles se reuniam longe das vilas para prestar homenagem ao antigo Deus de Chifres.

Esses sabás já vinham sendo celebrados desde tempos imemoriais e eram inofensivos. Consistiam em ritos de fertilidade, animados com banquetes, danças e outras alegrias carnais, negadas a seus seguidores pela sombria fé cristã.



Com as Cruzadas e seu apelo romântico e aventureiro, temperado com promessas de perdão aos pecados e indulgências, muitos abandonaram convenientemente suas crenças pagãs pra

aderir ao cristianismo. A Igreja conseguiu, finalmente, transformar o inofensivo e jovial Deus de Chifres em Satã, não o rebelde e belo Lúcifer, Filho da Luz, mas o um horroroso e recém-inventado Diabo, com chifres, cascos e cauda pontuda, amante insaciável de mulheres licenciosas e inspirador de todos os males. O golpe final aos Templários, no fim das Cruzadas, foi dado usando-se essa imagem grotesca na figura do até então desconhecido Baphomet.

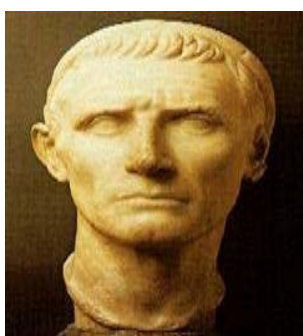
Os sabás foram transformados em reuniões de marginais, ladrões, inimigos da autoridade, de viciados, depravados e pervertidos em busca de poderes ocultos para sacrificar inocentes e encantar inimigos. Apesar disso, foi só em fins do século XV que a Igreja, finalmente, se sentiu suficientemente forte para desafiar essas crenças, consideradas atividades criminosas. O sucesso no extermínio dos Templários possivelmente contribuiu para essa decisão. Afinal, usara-se um ídolo inexistente para, entre outras acusações, servir de motivo para torturas que arrancaram as evidências desejadas. O mesmo processo deveria funcionar com a massa inculta.

A 5 de dezembro de 1484, o papa Inocêncio VIII iniciou abertamente o combate ao satanismo, e às bruxas, com a publicação da bula *Summis Desiderantes Affectibus*, dando início ao Santo Ofício, ou Santa Inquisição. Esse foi o golpe definitivo no satanismo, muito embora nos diversos concílios realizados antes disso já se incluíam matérias que visassem desencorajar as práticas pagãs.

DATA	CONCÍLIO	PRÁTICAS PROIBIDAS
451	Calcedônia	Cânon 28: As religiosas não devem encontrar-se na vizinhança dos conventos de frades, tanto por causa dos ardis de Satã quanto por causa dos maus rumores que poderiam disso resultar.
533	Orleáns	Cânon 22: Alguns prosseguem nos erros antigos, festejando o 1 de janeiro, outros levam alimentos aos mortos para o festejo da sé de Pedro e comem legumes ofertados ao demônio, outros veneram certas rochas ou árvores ou fontes. Os padres devem destruir essas superstições.
578	Auxerre	Cânon 1: No dia 1 de janeiro ninguém deve, à maneira dos pagãos, disfarçar-se de vaca ou de mulher velha, ou de cervo, ou fazer presentes diabólicos no primeiro dia do ano; nem se deve ofertar mais presentes que nos outros dias. Cânon 3: Não se deve fazer votos junto de um arbusto ou de uma árvore sagrada, ou de uma fonte. Do mesmo modo, ninguém deve fazer imagens ou pés de madeira.
793	Capitulário	A lei está acima do costume.

Cabras, bodes e figuras aladas também são freqüentes na história da arte e na história da humanidade, principalmente ligadas aos cultos de origem pagãos. Além disso, a própria Igreja já havia determinado a forma do diabo. Eliphas Levi não teve nenhum trabalho em desenhá-lo, já que o "lay-out" original estava pronto e a forma já havia sido popularizada.

BUSTOS E CABEÇAS



Os Templários foram acusados de ter um ídolo a quem prestavam homenagens. Esse ídolo era Baphomet, um demônio economista altamente especializado. Exageros à parte, as descrições sobre o ídolo mais coerentes, filtradas de todas os testemunhos obtidos sob tortura, são: "era um "quoddam caput," um tipo de cabeça de cor avermelhada; que se assemelhava a um ser humano; que era preto e tinha forma humana; que tinha uma barba cinza e longa; que se parecia com uma mulher bonita."

Supondo-se que existisse um ou mais ídolos nas propriedades dos Templários, de que natureza poderiam ser eles? Monges cultos, versados no latim, no grego e em outras línguas da época, com conhecimentos das civilizações orientais, grega e romana, não poderiam esses cavaleiros, numa de suas viagens, ter trazido uma lembrança, um souvenir das terras percorridas? E de que natureza seria essa lembrança, fácil de ser transportada a cavalo. Talvez alguma coisa parecida com um busto ou até mesmo com uma cabeça, mas longe de ser um símbolo do mal. Se o conhecimento e o poder dos Templários tivesse chegado a tanto, por que, ao invés de adorarem o ídolo de Baphomet, não o invocavam "ao vivo" para louvá-lo mais apropriadamente?

CONCLUSÃO



Napoleão Bonaparte disse: "O que é história, senão uma fábula em que se acredita?" Como foi visto, o Pentagrama evoluiu, através dos tempos, como um símbolo de fé e conhecimento para ser hoje representativo de tudo aquilo que é mau. A arte de um homem, Eliphas Levi, associou o aspecto mau do pentagrama a uma imagem reconhecida do diabo cristão, pela ilustração hermafrodita de Baphomet. É altamente improvável que os Cavaleiros Templários adorassem uma entidade endiabrada com a imagem de um bode, mas devido à cadeia de eventos montadas na farsa que foi o malfadado julgamento da Ordem Templária, veio a se tornar uma convicção aceita, a fábula em que se acredita, de muitos cristãos fundamentalistas. É triste e ao mesmo tempo terrível imaginar que esse mesmo grupo poderia ir tão longe com suas pregações sobre maldição de Baphomet, ligando-o às fraternidades maçônicas com as mesmas acusações que destruíram os Templários em 1307.



Nos depoimentos espontâneos dos Templários, em momento algum Baphomet é descrito como retratado na imagem de Eliphas Levi, que utilizou elementos comuns da iconografia para montar sua efígie. Na época dos Templários, era apenas uma cabeça. O deus de chifre, perseguido pela Igreja desde sua chegada na Grã-Bretanha, era um inimigo a ser vencido para a consolidação do catolicismo naquelas terras. Presente no imaginário popular e objeto de culto desde tempos imemoriais, o deus de chifres precisava ser combatido a todo custo. Esse trabalho não se mostrou fácil, no entanto, e só a partir de fins

do século XV, com o Santo Ofício, conseguiu-se, de forma mais direta e violenta, cercear esses cultos.

Aqueles que ainda hoje se valem da efígie criada por Levi e da ridícula farsa montada por Leo Taxil para execrar a Maçonaria e qualquer outra Ordem que não conhecem, não entendem ou não possam controlar, na realidade apenas buscam bodes expiatórios para justificar sua presença e atuação no seio de pessoas incultas, fanáticas e ansiosas para acreditar em alguma coisa, ou para criar algo ou alguém a quem culpar por suas mazelas, por sua miséria, por sua ignorância, por sua sofrida condição humana. Tiram da boca o último pedaço de pão e o entregam, para sustentar manipuladores da fé, criadores de religiões e mantenedores da ignorância e do fanatismo.

Os Templários foram vítimas da cobiça e do fanatismo. Constituíam, na época, a única classe de pessoas ilustradas, estudiosas, com acesso a livros e conhecimentos. A fé imposta e as peregrinações que se iniciaram por volta do ano 1.000, criaram um fértil campo para estabelecimento de uma rede de atendimento aos peregrinos. Rede que se mostrou



rapidamente lucrativa, como hoje são os locais de peregrinação, com sua infra-estrutura comercial montada para atender romeiros e crentes, vindos de todo lado. Lucrativos como os programas de televisão que buscam "associados", não crentes, para sustentar as mordomias de bispos e ministros que, abjurando o voto de pobreza, preferem o conforto de uma Mercedes à rudeza de um ônibus urbano. Oferecem "reliquias" na forma de envelopes santos, óleos abençoados, água benta e outros milagres em troca de seu sustento. E que sustento! Incutem tanto medo na massa ignara a respeito da ação terrível do demônio, falando de seu imenso poder, mas demonstram que

qualquer pastorzinho recém-formado tem poderes para "amarrar" o demônio e expulsá-lo do corpo dos infelizes possuídos. Que diabo é esse? Que medo ele causa? Que poder é esse que cede ao comando de um simples mortal, a partir do momento em que ele acrescenta ao seu nome o título de "bispo", "pastor", ou "ministro"? Afinal, Jesus não deu a ninguém exclusividade sobre essa prática: **"Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demônios, e nós lhe proibimos, porque não nos segue. Jesus, porém, disse: Não lhe proibais. Ninguém há que faça milagre em meu nome, e logo a seguir possa falar mal de mim, pois quem não é contra nós, é por nós."**

? FIM ?

LOURIVALDO PEREZ BAÇAN O MAGO DAS LETRAS

Atividades:

- Professor de primeiro, segundo e terceiro graus
- Bancário aposentado
- Instrutor de Treinamento Profissional
- Escritor: poeta, contista e novelista
- Compositor letrista
- Tradutor
- Palestrante: Redação Criativa e O Processo Criativo

Publicações:

- Em 1991, participou da Antologia Poesias, Contos e Crônicas, publicada pela FENAE com os resultados do I Concurso Nacional de Literatura, categoria Contos, primeiro lugar, Brasília-DF.
- Em 1995, traduziu a obra "El Contubérnio Judeo-Masónico-Comunista", de José Antonio Ferrer Benimelli para a Coleção "Biblioteca do Maçon", Série: Traduções, Editora Maçônica "A Trolha" Ltda, em dois volumes com o título de Maçonaria e Satanismo, Volumes I e II, Londrina-PR
- Publicou em 1996 a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias

- Em 1997, participou da Coletânea de Poesias Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso, Arte Real Editora e Distribuidora de Livros Ltda, Londrina-PR.
- Publicou em 1998 o livro de poemas Alchimia e em 1999 o livro Redação Passo a Passo.
- Em 2001 editou e prefaciou o livro Os Templários, de Lori Andrei Perez Baçan, Gráfica e Editora Modelo Ltda.
- Publicou em 2007 os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria.
- Entre 1975 e 2005, escreveu mais de 900 textos, publicados em sua maioria, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e livros de bolso com os mais diversos temas, letras para músicas.

Este libro fue distribuido por cortesía de:



Para obtener tu propio acceso a lecturas y libros electrónicos ilimitados GRATIS hoy mismo, visita:

<http://espanol.Free-eBooks.net>

Comparte este libro con todos y cada uno de tus amigos de forma automática, mediante la selección de cualquiera de las opciones de abajo:



Para mostrar tu agradecimiento al autor y ayudar a otros para tener agradables experiencias de lectura y encontrar información valiosa, estaremos muy agradecidos si

["publicas un comentario para este libro aquí"](#)



INFORMACIÓN DE LOS DERECHOS DEL AUTOR

Free-eBooks.net respeta la propiedad intelectual de otros. Cuando los propietarios de los derechos de un libro envían su trabajo a Free-eBooks.net, nos están dando permiso para distribuir dicho material. A menos que se indique lo contrario en este libro, este permiso no se transmite a los demás. Por lo tanto, la redistribución de este libro sin el permiso del propietario de los derechos, puede constituir una infracción a las leyes de propiedad intelectual. Si usted cree que su trabajo se ha utilizado de una manera que constituya una violación a los derechos de autor, por favor, siga nuestras Recomendaciones y Procedimiento de Reclamos de Violación a Derechos de Autor como se ve en nuestras Condiciones de Servicio aquí:

<http://espanol.free-ebooks.net/tos.html>